

Diálogo entre a leitura popular e a leitura feminista da Bíblia

Elaine G. Neuenfeldt*

Resumo: A Leitura Popular da Bíblia exercitada nos grupos comunitários tem sido motivadora e interlocutora de uma hermenêutica que tem como ponto de partida as experiências das mulheres e é denominada de leitura feminista da Bíblia. O propósito deste artigo é promover uma interação entre os diferentes passos propostos no caminho metodológico feminista e popular.

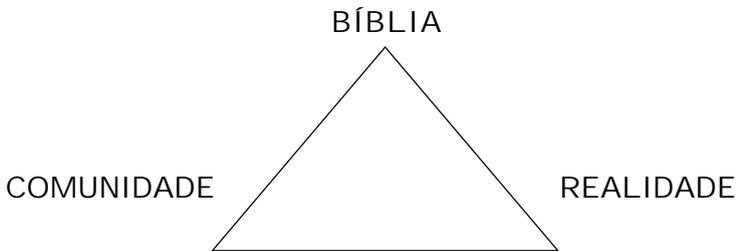
Resumen: La lectura Popular de la Biblia ejercitada en los grupos comunitarios ha sido motivadora e interlocutora de una hermenéutica que tiene como punto de partida las experiencias de las mujeres y es denominada de lectura feminista de la Biblia. El propósito de este artículo es promover una interacción entre los diferentes pasos propuestos en el camino metodológico feminista y popular.

Abstract: Bible readings carried out in community groups by ordinary people have become motivators and interlocutors of a hermeneutics that takes the experience of women as its point of departure, a feminist reading of the Bible. The purpose of this article is to advance an interaction among the different steps proposed when embarking on the feminist and popular methodological path.

* Dra. Elaine G. Neuenfeldt é professora de Teologia Feminista na Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo, RS.

Do jeito de ler a Bíblia¹

A Leitura Popular da Bíblia tem como um dos seus instrumentais o assim chamado triângulo hermenêutico: realidade, texto/Bíblia e comunidade. O método caracteriza-se pela sua circularidade ou espiralidade. Ou seja, como círculo, não há uma definição rígida por onde se deve começar a leitura e, como espiral, indica-se que não é um processo encerrado em si, mas, por um lado, aberto a novas perspectivas, e, por outro, que permite e promove aberturas de perspectivas na própria leitura. A figura do triângulo já é bastante conhecida, mas segue sendo útil. Em alguns momentos pode ser também representado por um círculo ou uma espiral.



A realidade – chão da Leitura Popular da Bíblia

A realidade em que se vive é o chão que determina a porta de entrada no texto bíblico. Neste sentido é que se pode dizer que a Leitura Popular da Bíblia parte da realidade, pois a vida, em sua concretude, com suas mazelas e prazeres, com seus sonhos e dissabores, é o lugar onde se articula e se entretetece a Palavra de Deus. Esta porta de entrada toma em conta as necessidades concretas da vida diária, mas também a estruturação mais ampla da sociedade deve estar no horizonte da compreensão. Para entender a realidade, o uso de instrumentais advindos de outras áreas de conhecimento é necessário. Outras áreas de saber constituem, então, lugares de encontro no caminho de leitura bíblica.

Partir da realidade implica em tomar esta de forma dinâmica. A realidade é dinâmica. Aqui devemos ter os nossos corpos em sintonia e presença com o lugar onde estamos. Implica em ouvir os silêncios, os gemidos, as

¹ O método de leitura popular da Bíblia tem sido levado adiante no Brasil, especialmente pelo CEBI – Centro de Estudos Bíblicos. É a partir do envolvimento com o CEBI que procuro tecer estas considerações e amarrar os fios destas duas propostas metodológicas: a leitura popular e a leitura feminista da Bíblia.

dores, os suspiros. Muitas vezes a realidade é de silêncio, de não-fala. Como, por exemplo, em situações de violência, onde a fala não é articulada ou a fala repete as únicas palavras que podem ser ditas naquelas situações. Aqui também é preciso um exercício de suspeita e de sensibilidade para escutar e sentir as entrelinhas, os entre-ditos, os silêncios, os gestos e posturas dos corpos.

A vida e a experiência das mulheres

Na leitura da Bíblia a partir das perspectivas feministas, as perguntas motivadoras para evidenciar os instrumentais exegéticos e hermenêuticos circundam o campo das experiências cotidianas das mulheres, com as nuances complexas que conformam essas experiências.

Para definir as experiências das mulheres, deve-se buscar apoio na discussão que se desenvolve no movimento feminista. A categoria gênero, como referencial teórico-metodológico constitutivo das relações sociais, baseada em diferenças biológicas de sexo, significando as relações de poder, tem sido usada como instrumental de análise no resgate do protagonismo de mulheres na Bíblia². A perspectiva de gênero é relacional, o que implica que o uso de seus instrumentais traz acopladas outras categorias e interpretações em relação a um conjunto de fenômenos sociais e históricos em relação à identidade, como, por exemplo, as questões da idade/geração, raça/etnia, classe social, etc.³.

A partir desta diferenciação de gênero, insere-se a idéia de experiência das mulheres. Entende-se que as experiências são cultural e socialmente construídas, são históricas e permeadas pelas relações de poder.

Tomar a experiência como evidência implica num cuidado metodológico que evite o risco de naturalizar as diferenças, ou seja, tomar as identidades construídas, atribuídas nos processos históricos, como dadas, inatas. Ao tratar de evidenciar e resgatar a experiência de um grupo específico, no caso as mulheres, esta abordagem auxilia no entendimento dos mecanismos de repressão e exclusão destes grupos. Contudo, para tornar mais complexa a análise, torna-se necessário resgatar o aspecto relacional e dinâmico das experiências.

Esta perspectiva relacional, tão cara nas teorias de gênero, é o que

2 SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, v. 16, n. 2, p. 5-22 (14), 1990.

3 LAGARDE, M. *Gênero y feminismo*. Madrid: Horas y horas, 1996. p. 26.

promove a conexão com o conceito de sagrado constitutivo das experiências religiosas das mulheres. A noção de sagrado pode ser mais apurada quando entendida como relação⁴. Na análise das experiências religiosas é necessário tomar em conta outras variáveis, como a questão do sincretismo, das épocas históricas, com seus contextos políticos, sociais e econômicos e culturais. Toda experiência religiosa se dá sobre a base de uma experiência humana e como tal é relacional, com outras pessoas, com o mundo e com o transcendente, o sagrado ou o mistério. Estes últimos fatores a especificam como experiência religiosa⁵.

Neste sentido, a experiência religiosa das mulheres acontece no cotidiano, lugar onde se estabelecem as relações, em todos os aspectos da vida. Cotidiano aqui é entendido com todas as suas complexidades e particularidades, o que o caracteriza em sua heterogeneidade.

Por ser a cotidianidade o lugar dos acontecimentos históricos, apesar de, muitas vezes, não serem registrados por escrito, é por ali que os fatos históricos devem ser analisados. Com esta configuração, o cotidiano é simultâneo, sendo particular e genérico ao mesmo tempo. É este lugar simultâneo e histórico onde acontece a relação com o divino, com o sagrado. Esta relação se dá a partir dos objetos, dos elementos, das coisas que conformam a cotidianidade: a comida, a roupa, as panelas, o rio, a água, as árvores, o tear, a reprodução, a educação, a terra, os cheiros, as ervas, os animais, as crianças, as vizinhas, o sal, a farinha, o óleo, os potes, e tantas outras.

Do lugar da Bíblia

O movimento de aproximação ao texto bíblico, que é definido de popular, está baseado numa postura participativa, contextualizada e crítica. Esta postura articula a consciência da ausência, da perda da Bíblia com o desejo de presença. É um movimento que re-conhece a própria casa, numa procura animada pelo sentimento de ausência. A procura é empreendida com método, com opções que delimitam o caminho. O texto da mulher que procura a moeda perdida, de Lc 15.3-7, ajuda a iluminar este movimento de busca, de procura. A mulher precisa passar por um processo de re-conhecimento do espaço já tão conhecido para ela. Ela busca de forma incansável, em cada canto, em cada esquina, já tão familiares, mas ao mesmo tempo

4 CROATTO, J. S. Los lenguajes de la experiencia religiosa. Buenos Aires: Fundación Universidad a Distancia "Hernandarias", 1994. p. 48.

5 CROATTO, 1994, p. 37.

tão velados para ela. A procura causa estranheza diante de espaços não mais reconhecidos como seus. Mas traz uma sensação de familiaridade, pois retoma velhos objetos, antigas recordações e as relê de um jeito diferente, com um novo olhar, com novas perguntas.

As perdas e aprisionamentos da Bíblia aconteceram e acontecem a partir de concepções fundamentalistas que arrancam o texto de seu contexto histórico, que não tomam em conta o seu lugar social, nem olham para as condições que produziram e releram os textos.

Outra forma de aprisionar a Bíblia acontece no academicismo, que é diferente de academia⁶. Academicismo é um jeito de fazer academia – estudo aprofundado e sistematizado, descolado da vida concreta e da realidade do povo. Os artifícios científicos apregoados nas academias, institutos, nas teses e nos manuais, pretensiosamente se dizem objetivos e universais. Mas, ao se anunciarem desta forma, enclausuram e ressecam a vivacidade e a espiritualidade do testemunho bíblico.

A dinamicidade da leitura popular brota do meio do povo e articula explicitamente a sua opção pelas pessoas excluídas e marginalizadas do sistema dominante. Assim, ela devolve ao povo o poder de tomar a Bíblia em suas mãos, conquistando o direito de articular a sua própria fala sobre Deus, enfim, de fazer teologia.

Numa leitura feminista a pergunta centra-se no papel da Bíblia para a vida cotidiana das mulheres. A Bíblia se constitui como texto-corpo sagrado para muitos grupos comunitários. O estudo da Bíblia desde uma perspectiva popular, comunitária e ecumênica tem proporcionado ao povo empobrecido e excluído momentos de resgate de sua auto-estima e de construção de cidadania. A Leitura Popular da Bíblia tem proporcionado encontros que se caracterizam pela partilha da Vida e, a partir daí, surgem as perguntas que fazem a reflexão hermenêutica com a Bíblia.

Por um lado, experimentamos esta abertura e diálogo da Vida com a Bíblia. Para as mulheres, este diálogo tem proporcionado novas luzes e olhares que resgatam e promovem a sua auto-estima e que promovem movimentos de empoderamento em relação a tantas situações de exclusões enfrentadas na realidade marcada pelo empobrecimento.

No entanto, é necessário dizer também que, para as mulheres, a relação entre a Bíblia e seus próprios corpos nem sempre é experimentada de forma agradável. Dor, exclusão e discriminação tem sido, na maioria das

⁶ PEREIRA, N. C.; MESTERS, C. A leitura popular da Bíblia: à procura da moeda perdida. São Leopoldo: CEBI, 1994. p. 11-14.

vezes, a mensagem fundamentada na Bíblia e direcionada às mulheres. Há ambigüidade na relação entre as mulheres e os textos sagrados bíblicos. Se, por um lado, trazem luzes, inspiram e motivam para a participação ativa na comunidade de fé e nas instâncias sociais, por outro ainda há um caminho a ser percorrido que desvele este poder de silenciamento que os textos bíblicos têm, quando usados para legitimar e justificar a organização patriarcal da sociedade.

A pergunta que brota daí é: como é possível então provocar uma aproximação crítica entre as mulheres e a Bíblia, entre estas experiências corporais sagradas? A hermenêutica feminista tem exercitado este movimento, tendo como um de seus principais instrumentos metodológicos a SUSPEITA. Aprendemos a suspeitar, a questionar e nos aproximar criticamente do corpo sagrado bíblico, com um olhar atento e prioritário em nossas experiências corporais, como mulheres. Com este movimento resgatamos a presença e o protagonismo de mulheres no processo de tessitura sagrada das histórias bíblicas. Aprendemos com estes testemunhos a promover dignidade e auto-estima, arejando e umedecendo nossas experiências e vivências de espiritualidade.

Se ainda constatamos que a Bíblia tem sido usada como âncora para concepções que fundamentam atitudes patriarcais e machistas, também ainda podemos afirmar que da Bíblia se extraem fundamentos para a exclusão das mulheres de espaços de poder nos diferentes espaços da sociedade, o que inclui de forma especial os espaços eclesiais.

Contudo, já é uma prática em nossos espaços comunitários uma hermenêutica bíblica que conjuga os instrumentais do feminismo com os instrumentais exegeticos histórico-críticos, bem como outras metodologias de leitura da Bíblia.

A exegese e a hermenêutica feminista da Bíblia requerem posturas que releiam a história da salvação, a história de Deus com seu povo, a partir das experiências das mulheres, como lugar de manifestação do sagrado. Esta postura implica em tomar o texto bíblico, em sua autoridade, como produto da relação de Deus com a vida concreta, cotidiana de um povo.

Os textos escritos devem ser vistos a partir de seu longo processo de fixação histórica, de redação e compilação, processo este influenciado e determinado pela configuração política, econômica, social e religiosa. Os textos são tomados como unidades que guardam a memória das situações vivenciais. São núcleos de memórias populares, construídos a partir dos setores sociais e dos conflitos que geraram os textos.

A suspeita como instrumental de análise permite uma leitura crítica

da tradição, a partir das redes de relações que o texto apresenta e que entram em diálogo com a vida atual, com sua realidade, seu cotidiano, seus conflitos, sonhos e desejos.

Esta suspeita precisa ser articulada com a tradução do texto, suas linguagens e as escolhas feitas em torno de terminologias. Mas, deve-se ter também a perspectiva crítica em torno da tradição, que muitas vezes é mais determinante na interpretação de determinados textos e temas do que o próprio texto.

O texto escrito e a exclusão das experiências das mulheres

A realidade que experimentamos no Brasil é de que ainda há uma grande lacuna no acesso aos bens básicos que proporcionam uma vida digna. A realidade econômica é excludente. Para as mulheres, esta exclusão toma proporções bem concretas em relação ao acesso à educação, ao aprendizado formal da leitura e escrita. Neste sentido, quando falamos em Leitura Popular e Feminista da Bíblia devemos ter a consciência de que em muitas situações a leitura acontece pela partilha da palavra e do saber, umas lêem e outras participam escutando. O espaço da leitura da Bíblia é um espaço de aprendizado mútuo. Interação interessante entre a oralidade vigente na vida cotidiana das mulheres e a oralidade que está por detrás dos textos bíblicos. O estudo da Bíblia torna-se o lugar e o momento de aprendizado e sistematização da vida.

Nesse sentido, o processo hermenêutico é desafiador numa perspectiva que busca a presença e a atuação protagônica das mulheres. Como resgatar as mulheres de um texto que as exclui? Como fortalecer as mulheres em sua luta, em seu processo de conscientização, tomando como base e apoio um texto que é escrito numa sociedade patriarcal?

A linguagem usada na redação dos textos bíblicos é androcêntrica e masculina. Mesmo se for tomada como plausível a hipótese da autoria de mulheres para alguns textos bíblicos, isso ainda não é garantia de uma linguagem inclusiva. Não se pode afirmar com segurança, se os masculinos plurais utilizados ou a designação genérica "as pessoas" ou "o povo" fazem referência exclusivamente a homens, ou se incluem, por dedução, as mulheres. Pode-se deduzir, a partir do contexto cultural, que muitas situações aludem a ambos os gêneros, tanto a homens quanto a mulheres.

Por isso, os olhares sobre o texto devem ser atentos e imbuídos das perguntas que brotam destas experiências religiosas das mulheres, que são vividas às margens, marcadas pela transgressão e muitas vezes obscureci-

das pela tradição patriarcal. A análise da vida cotidiana, da atuação e dos papéis de liderança das mulheres, as suas lutas diárias de sobrevivência, o seu testemunho cotidiano de superação de relações violentas e excludentes é o ponto de partida para o estudo dos textos bíblicos e para a análise hermenêutica.

Já temos estudado a Bíblia perguntando pelas diferentes vozes registradas nos textos⁷. Esta perspectiva diz que, ao invés de buscar pela escrita das mulheres, pela autoria feminina de textos bíblicos, dever-se-ia perguntar pelas diferentes vozes, pelas diferentes posições e atribuições de gênero, pelo exercício de autoridade, enfim, pelas textualidades de gênero nos textos. Se há algum texto de mulher na Bíblia Hebraica, este está editorado, enquadrado/emoldurado em textos masculinos.

Para resgatar textos/vozes de mulheres é preciso considerar critérios como a oralidade, a habilidade de escrever, a agilidade, desenvoltura, literariedade (literariness) e a capacidade de escrever ou a alfabetização (literacy)⁸. O fato de não estarem alfabetizadas, não quer dizer que mulheres não tenham habilidade literária, a qual engloba a oralidade, a desenvoltura de comparar e articular narrativas. Isso temos aprendido com a prática das mulheres nos diferentes grupos e espaços. Mulheres lavadeiras compõem músicas, mulheres tecelãs contam histórias, mulheres agricultoras possuem uma sabedoria ligada aos processos de produção, mesmo que muitas vezes não estejam alfabetizadas, o que as impossibilita de registrar este seu saber nos códigos que são oficializados como detentores do saber, como é a escrita. O canto, a dança, a receita do pão, da comida, do chá, dos rituais de cura ou tantos outros, como as “práticas mágicas” em torno de namoros e casamentos, de saúde, de felicidade, não são registrados por escrito, mas são transmitidos fielmente de geração em geração pelas avós, mães e entre as vizinhas.

Nesse sentido, as noções de voz e de oralidade, aliadas ao exercício de resgate da experiência do grupo articulador das atividades literárias, ampliam a questão de composição dos textos bíblicos. Esta perspectiva registra a diversidade e abre a possibilidade de vozes emudecidas ou duplicadas como critérios importantes na discussão do que é considerado oficial ou popular, nas práticas e experiências religiosas testemunhadas nos textos bíblicos. O que resulta paradoxal, é que às vezes – para resgatar as vozes

7 BRENNER, A.; DIJK-HEMMES, F. van. On gendering texts: Female and Male Voices in the Hebrew Bible. New York: E. J. Brill, 1996.

8 BRENNER; DIJK-HEMMES, 1996, p. 3.

das mulheres presentes nos textos bíblicos – deve-se escutar os silêncios ou as negações e os interditos⁹.

Nesse sentido, a leitura popular e feminista da Bíblia não significa somente um espaço de aprendizado e informação. É, antes de tudo, um jeito que cria um lugar para exercitar e experimentar laços comunitários, onde a oração é o elo de fortalecimento e compromisso. A Bíblia torna-se motivadora e interpeladora no estabelecimento de relações recriadas.

O encontro dos corpos

A caminhada de leitura popular e feminista da Bíblia promove vivências que envolvem os corpos concretos dos sujeitos excluídos, especificamente das mulheres, com suas histórias pessoais e comunitárias.

A leitura impulsionada pelos grupos comunitários parte das experiências cotidianas das pessoas marginalizadas e, com um significado político e social, busca contribuir na construção de um outro mundo possível, que se concretiza no exercício de novas formas de relacionar-se, mais equitativas e mais justas. Esta é uma metodologia que não encerra o texto em si mesmo, mas tem como finalidade promover a cidadania religiosa, política e social.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a leitura popular e feminista da Bíblia promove experiências que envolvem os corpos e histórias com os textos sagrados. Quer refletir a respeito do sagrado a partir do cotidiano, na busca de uma espiritualidade que resgate a vida nos corpos, nas relações e nos textos. É para onde aponta a reflexão de Elsa Tamez:

O texto é corpo e o corpo (de um ser) é texto e pode dar-se uma relação profunda entre ambos. Relação que pode ser de amor ou de ódio; de indiferença ou de aniquilação; ou simplesmente de prazer como em alguns textos poéticos que fazem reagir os corpos humanos ao revolver os sentimentos mais profundos e sublimes. O texto escrito qualificado desagradado adquire uma autoridade maior do que todos os demais textos, inclusive aqueles que promulgam leis, pois estes podem ser mudados. Os textos sagrados, ao serem assumidos como tais, não podem mudar, pois o cânon os enclausurou. As mudanças possíveis dependerão exclusivamente da interpretação que é factível graças à polissemia e outros recursos literários manejados no interior do próprio texto sagrado.¹⁰

9 PLASKOW, J. *Standing again at Sinai: Judaism from a feminist perspective*. New York: Harper San Francisco, 1991. p. 1-2.

10 TAMEZ, E. A vida das mulheres como textos sagrados. *Concilium – Revista Internacional de Teologia*, v. 3, n. 276, p. 74, 1998.

Assim, pode-se exercitar um método de releitura bíblica com significado político e social, que toma como ponto de partida a experiência cotidiana e plural das pessoas marginalizadas, de homens, mulheres e crianças empobrecidas, seus corpos e suas utopias. Enfim, esta abordagem tem como objetivo suscitar novas práticas e reflexão para a emergência de “um outro mundo possível”.

Essa leitura insiste na estreita relação que há entre o “livro da vida e o livro da Bíblia”¹¹. A Bíblia é a fonte da água viva que alimenta vidas secas e sofridas pelos modelos de organização social excludentes. Mas, para que a Palavra caia em terra fértil, cresça, se desenvolva e frutifique é necessário conhecer esta terra, desvendar os mecanismos que configuram as relações sociais.

O propósito de estudar, ler e re-ler a Bíblia a partir de uma metodologia popular não é unicamente voltado para adquirir mais conhecimentos ou aperfeiçoar as aproximações ao texto e contexto bíblico.

No método de leitura popular da Bíblia, a articulação dos saberes e experiências de vida das pessoas e os textos bíblicos são colocados lado a lado. O propósito é de que as pessoas vão descobrindo a sua realidade, vão desvendando a vida nas suas relações de poder e se situando nesse contexto. Esse processo implica em nomear, em dizer a própria palavra.

Relações recriadas e vida comunitária

Na metodologia feminista esse processo tem sido nomeado de desconstrução. Para acessar os testemunhos bíblicos que registram a voz e as experiências das mulheres, outras vezes temos que desentulhar cargas de uma história triditativa que exclui ou subordina as mulheres com suas experiências de vida.

Aprendemos do movimento feminista que estabelecer critérios e movimentos estratégicos de superação das relações assimétricas e injustas é tarefa urgente para que também na teologia tenhamos na agenda as discussões das temáticas que brotam das experiências das mulheres. Marcela Lagarde, pensadora feminista mexicana nos ajuda a estabelecer algumas chaves feministas que buscam novos horizontes na alternativa feminista¹².

11 MESTERS, C. Flor sem defesa. Petrópolis: Vozes, 1983; MESTERS, C. Por trás das palavras: Um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1977.

12 LAGARDE, M. Claves feministas y nuevos horizontes. In: TAMEZ, E. (Ed.). La sociedad que las mujeres sonamos. San Jose: DEI, 2001. p. 89-105.

No estabelecimento dessas chaves que se empenham por superar as relações patriarcais e que se constituem como travas para a democracia genérica, a reflexão em torno da autonomia, da igualdade e da liberdade segue sendo fundamental para repensar e redirecionar o caminho de homens e mulheres na sociedade. A cidadania das mulheres é uma chave feminista de identidade política. A auto-estima se estabelece a partir de algumas premissas básicas de equidade no acesso e exercício do poder, na possibilidade da equifonia – que é a possibilidade de dizer a voz e a palavra das mulheres, diante do silenciamento e indiferença e que se constitui como exigência de posturas de diálogo e capacidade de interlocução. Exercitar essas chaves feministas exige atitudes de solidariedade e sororidade – que implicam em movimentos e avaliações diante das relações, tanto da parte dos homens quanto das mulheres.

Essas chaves que movem as discussões feministas têm implicações no exercício da teologia e da hermenêutica bíblica. Na teologia feminista uma postura metodológica tem a ver com o reconhecimento das tradições alternativas que resgatam as ações e os protagonismos das mulheres. É o que se tem chamado de reconhecimento de tradições alternativas¹³. Não é só de opressões e subordinações que as experiências das mulheres são constituídas. As histórias de resistência e de luta pela vida e dignidade fazem parte destas tradições alternativas que vão colorindo a história das mulheres.

A possibilidade de contar com histórias de resistência ao poder excludente e patriarcal abre as possibilidades e olhares para novas experiências com o sagrado. A reconstrução dos testemunhos bíblicos se dá a partir da realidade das mulheres empobrecidas do nosso país e continente; a partir de suas vidas concretas que clamam por justiça e dignidade. Neste contexto, a Bíblia será boa-nova que anuncia um outro mundo possível. Este desejo e ensaio de relações recriadas, fundamentadas nos textos bíblicos, expressam profundas experiências de espiritualidade encarnada na vida cotidiana.

Referências

BRENNER, A.; DIJK-HEMMES, F. van. On gendering texts: Female and Male Voices in the Hebrew Bible. New York: E. J. Brill, 1996.

13 DEIFELT, W. Temas e metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER. Gênero e Teologia: Interpelações e perspectivas. São Paulo: Paulinas/Loyola/Soter, 2003. p. 171-186.

CROATTO, J. S. Los lenguajes de la experiencia religiosa. Buenos Aires: Fundación Universidad a Distancia "Hernandarias", 1994.

DEIFELT, W. Temas e metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER. Gênero e Teologia: Interpeleções e perspectivas. São Paulo: Paulinas/Loyola/Soter, 2003.

LAGARDE, M. Género y feminismo. Madrid: Horas y horas, 1996.

LAGARDE, M. Claves feministas y nuevos horizontes. In: TAMEZ, E. (Ed.). La sociedad que las mujeres sonamos. San Jose: DEI, 2001.

MESTERS, C. Flor sem defesa. Petrópolis: Vozes, 1983; MESTERS, C. Por trás das palavras: Um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1977.

PEREIRA, N. C.; MESTERS, C. A leitura popular da Bíblia: à procura da moeda perdida. São Leopoldo: CEBI, 1994.

PLASKOW, J. Standing again at Sinai: Judaism from a feminist perspective. New York: Harper San Francisco, 1991.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade, v. 16, n. 2, p.5-22(14),1990.

TAMEZ, E. A vida das mulheres como textos sagrados. Concilium – Revista Internacional de Teologia, v. 3, n. 276, p. 74, 1998.